

O MODERNISMO DO NÃO: LIMA BARRETO, *CARETA* E *FON-FON* DIANTE DO FUTURISMO PAULISTA

Regina Zilberman

UFRGS/CNPq

Resumo: O movimento futurista não alcançou, no Rio de Janeiro, repercussão similar à que obteve em São Paulo, quando foi divulgado por intelectuais como Sérgio Buarque de Holanda. Em periódicos como *Careta* e *Fon-Fon*, aquele projeto vanguardista foi matéria de blagues e anedotas. Um dos mais ostensivos adversários do modismo futurista foi Lima Barreto, então colaborador de *Careta*. Suas crônicas traduzem a revolta do escritor diante da presunção de que o Futurismo era desconhecido no Brasil e, especialmente, no Rio de Janeiro. Critica igualmente o comportamento subalterno dos intelectuais paulistas diante de vultos e ideias vindas de fora do país.

Palavras-chave: Futurismo; Modernismo; Lima Barreto; *Careta*; *Fon-Fon*.

Abstract: The futurist movement did not achieve in Rio de Janeiro the same repercussion it had in São Paulo, when it was promoted by intellectuals such as Sérgio Buarque de Holanda. In periodicals such as *Careta* and *Fon-Fon*, that avant-garde project was the subject of blagues and jokes. One of the most ostensible opponents of the futurist fashion was Lima Barreto, who collaborated with *Careta* at the time. His chronicles reflect the writer's revolt at the presumption that Futurism was unknown in Brazil, and especially in Rio de Janeiro. He also criticizes the subordinate behavior of São Paulo's intellectuals in face of figures and ideas imported from abroad.

Keywords: Futurism; Modernism; Lima Barreto; *Careta*; *Fon-Fon*.

Lima Barreto vestia-se mal, não se barbeava, o cabelo de mestiço cobria-lhe às vezes as orelhas, e por isso a roda da literatura chique evitava-o; admirava-lhe o talento (que remédio), mas não o queria no seu convívio. É triste, mas é natural e humano.

Barreto não se queixava; sorria e tomava a sua “talagada”, entre os da “sua” roda; e escrevia... e escrevia crônicas, novelas, romances... Como! quando? Ninguém o sabe; caso é que a sua obra aí está: e é uma coisa séria, nas nossas letras pelintras.

D. Quixote – Semanário¹

¹ Lima Barreto. *D. Quixote*, ano 6, n. 287. Rio de Janeiro, 08 de novembro de 1922. <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=095648&pasta=ano%20192&pesq=%22Lima%20Barreto%22&pagfis=8648>. Acesso em: 12 nov. 2022.

O Futurismo e seus adversários cariocas

O ano brasileiro de 2022 abriu e agora fecha com celebrações: no campo das Artes no início, no âmbito da política neste mês e, esperemos, no próximo. Nenhuma das comemorações passou sem polêmicas, a começar com a que envolveu a Semana de Arte Moderna, que, para alguns, teria inaugurado o caminho da vanguarda na literatura, música e pintura em nosso país e que, para outros, não teria a importância registrada nas histórias da literatura que a tomaram como marco fundador do século XX artístico-cultural.

Ruy Castro talvez ocupe a linha de frente, quando se trata de reunir os que suspeitam da relevância da ação realizada em São Paulo entre 13 e 17 de fevereiro de 1922. Advogando a tese de que, no Rio de Janeiro, já se produzia arte moderna e inovadora, oferece exemplos de criadores que anteciparam os promotores da Semana, como Mario Pederneiras, Orestes Barbosa e Adelino Magalhães, entre outros.

Aquela tese vem acompanhada de outra provocação: segundo Ruy Castro, foi por ocasião do cinquentenário da Semana, em 1972, vale dizer, no auge da ditadura civil-militar, à época dos anos de chumbo, que se institucionalizou o episódio:

Mas, de fato, não se pode fugir das coincidências. Terá sido por uma delas que, depois de levar seus primeiros 50 anos em silêncio e sem queixas, tudo tenha mudado para a Semana de Arte Moderna a partir de 1972? Foi o ano em que, às retumbantes comemorações do Sesquicentenário da Independência, somou-se o cinquentenário da Semana, subitamente festejado com pompas. Por que isso de repente?²

Sua implementação deveu-se, por sua vez, a uma elite acadêmica, instalada na Universidade de São Paulo, que se encarregou da narração daquele evento, alçado ao status de fundador, por meio tanto da crítica e da historiografia da literatura, quanto dos programas de pós-graduação, que se expandiam em um Brasil que se queria, também ele, mas através das ferramentas da repressão, se mostrar moderno e dinâmico – de certo modo, “futurista”.

O Rio de Janeiro ficou de fora das comemorações; e, quando teve oportunidade de celebrar façanhas modernistas, adotou posicionamento provocador, ridicularizando

² CASTRO, Ruy. Como a Semana de 22 virou vanguarda oficial depois de 50 anos esquecida. *Ilustríssima, Folha de São Paulo*. São Paulo, 06 de fevereiro de 2022. <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/02/como-a-semana-de-22-virou-vanguarda-oficial-depois-de-50-anos-esquecida.shtml>. Acesso em: 12 nov. 2022.

figuras proeminentes da vanguarda, como o futurista Filippo Tommaso Marinetti, quando esse visitou a então Capital Federal em 1926. *Careta*, periódico humorístico popular naquele período, não poupou o artista em suas páginas:³



Contudo, não foi preciso aguardar até aquele ano para transformar o Futurismo em matéria de piada, ainda que desde uma perspectiva que contestava a arte moderna, como ilustra o cartum publicado em 12 de novembro de 1921, de autoria de J. Carlos, um dos principais artistas gráficos do período:⁴

³ Capa. *Careta*, ano XIX, n. 937. Rio de Janeiro, 05 de junho de 1926. <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=083712&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=38045>. Acesso em: 14 nov. 2022.

⁴ J. Carlos. Elegância e futurismo. *Careta*, ano XIV, n. 699. Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1921. <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=083712&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=26771>. Acesso em: 12 nov. 2022.



O Futurismo confunde-se com extravagância, ainda que o teor transgressivo esteja presente na imagem, pois é uma mulher que adota o posicionamento de vanguarda, ao acolher o visitante masculino. O cabelo é curto, *à la garçonne*, inspirado talvez no penteado difundido por Louise Brooks, atriz do cinema mudo hollywoodiano e então muito popular, modelo de corte de cabelo adotado no Brasil pela sufragista Eugênia Alvaro Moreyra.

Fon-Fon, periódico que dividia a atenção do público carioca no começo dos anos 1920, não foi menos implacável com o Futurismo, a se julgar pela figura a seguir reproduzida:⁵

⁵ *Fon-Fon*, ano XVI, n. 47. Rio de Janeiro, 25 de novembro 2022. <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=4144>
2. Acesso em 12 nov. 2022.



A ilustração não deixa de expor preconceitos raciais: se o quadro é “negro”, só pode representar uma “tribo africana”. Mas expressa igualmente a perplexidade do espectador que não “entende” a arte moderna, requerendo a interpretação do pintor para fazer sentido. Esse sentido, porém, nada explica, sugerindo que a tela é permeável a qualquer esclarecimento.

O Futurismo – que foi, por mais de uma década, sinônimo de Modernismo, esse uma categoria mais difusa – aparece igualmente em anedotas, como a que *Careta* reproduz em 04 de março de 1922:

O sr. Graça Aranha, imortal indígena, foi passar algum tempo em Paris, cursou com as pernas o boulevard, e de lá voltou formado em *futurismo*.

No Rio, organizou uma *troupe* para pregar a nova Escola e abalou com ela em *tournée* em direção de S. Paulo, onde pretendia dar a primeira função...

O público do Municipal daquela Capital consagrou o novo apóstolo, reconhecendo-lhe os dons que Deus concedia aos profetas antigos...

Sabedor dessa consagração, fui perguntar ao secretário de um ministro o motivo pelo qual o governo não mandava o sr. Graça Aranha pregar as suas ideias nas regiões devastadas pela fome.

O moço encarou-me admirado:

- Diabo!... Que dons são esses?

Mostrei-lhe circunspecto um jornal de São Paulo e expliquei-lhe:

- É que mal o sr. Graça começa a falar desaba uma chuva de batatas, nabos e cenouras. – G. M.⁶

A anedota é publicada logo depois da Semana de Arte Moderna, da qual Graça Aranha, autor de *Canaã* e membro da Academia Brasileira de Letras, participara, abraçando a causa dos jovens artistas de São Paulo, ao fazer a conferência inaugural do evento. O texto denuncia, primeiramente, a conversão do ficcionista ao Futurismo, após sua estada em Paris (era diplomata), em que, aparentemente, nada fizera a não ser “cursar com as pernas o boulevard”. É, contudo, recepcionado com “uma chuva de batatas, nabos e cenouras”, razão por que o autor da piada sugere que ele seja encarregado de “pregar as suas ideias nas regiões devastadas pela fome”.

Fon-Fon igualmente se posiciona diante da onda futurista, não, porém, pelo viés do humor. Em curta nota publicada também em 4 de março de 1922, os movimentos de vanguarda aparecem em tom pejorativo. O autor, não identificado, sugere aos adeptos do Futurismo ter cuidado com o que considera uma mania e qualifica o movimento, ao lado do Cubismo, o Sintetismo, o Dadaísmo, de “porcarias em ismo, vegetações maninhas que querem invadir as pelúcias verdes do parque das Artes”. Mas ressalva as criações de alguns nomes, como os do pintor Kees van Dongen, fauvista, do poeta René Kerdyk (também conhecido como René Caire) e do dramaturgo Jean Cacteau:

É a mania da época o Futurismo. Tentaram lançá-lo em S. Paulo e o bom senso do povo o engoliu no primeiro dia, da primeira assentada. Agora, anda ele sussurando, nos meios literários e artísticos. Cuidado com o bicho e pau nele, mal apareça!

O Futurismo, o Cubismo, o Sintetismo, o Dadaísmo e mais outras semelhantes porcarias em ismo, vegeação maninhas que querem invadir as pelúcias verdes do parque das Artes, só podem ser admitidas como *blague*. Assim, são interessantíssimas as suas manifestações, mesmo as pinturas de Van Dongen, mesmo os versos de

⁶ *Careta*, ano XV, n. 715. Rio de Janeiro, 04 de março de 1922. <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=083712&pasta=ano%201922&pesq=%22Gra%C3%A7a%20Aranha%22&pagfis=27503>. Acesso em: 12 nov. 2022. A ortografia foi atualizada. Os itálicos pertencem ao original.

René Kerkyk, mesmo a prosa de João Cocteau. Mas de outra maneira, não, não e não!⁷

Apesar da má-vontade de seus colaboradores, foi na revista *Fon-Fon* que se divulgou o Futurismo em perspectiva favorável. Em 10 de dezembro de 1921, é publicado matéria de Sérgio Buarque de Holanda sobre o movimento, tornando-se, assim, provavelmente uma das principais fontes de informação sobre o assunto entre os letrados cariocas.

O artigo faz uma apresentação do Futurismo desprovida tanto de preconceito, quanto de entusiasmo. Reconhece que as duas tendências estão presentes no modo como o Futurismo vem sendo recebido a seu tempo: é “exaltado pelos homens de inteligência e coragem”, mas também por “alguns *snobs* imbecis”. Ressalva, por outro lado, que “o novo movimento tem naturalmente os seus erros”. Além disso, “possui também a vantagem imensa e inapreciável de trazer algo de novo, vantagem que só por si só já o justifica e o torna louvável.”⁸

A segunda metade do artigo é dedicada aos “futuristas de São Paulo”. Ainda que assim chamados, “não se prendem aos de Marinetti”, apresentando “antes mais pontos de contato com os moderníssimos da França, desde os passadistas Romain Rolland, Barbusse e Marcel Proust até os esquisitos Jacob, Apollinaire, Stietz, Salmon, Picabia e Tzara”. Diante desse pano de fundo, que revela estar Sérgio Buarque de Holanda atualizado relativamente aos movimentos de vanguarda no começo da terceira década do século XX, o cronista relaciona os artistas de São Paulo que igualmente se mostram inovadores, habilitados a repetir “o movimento de libertação dos velhos preconceitos e das convenções sem valor”. Destaca os nomes de Victor Brecheret [grafado Bucheret, no artigo de *Fon-Fon*], Menotti del Picchia, então conhecido graças ao poema *Juca Mulatto*, Oswald de Andrade [grafado Osvaldo] e Mário de Andrade. Acrescenta ao grupo Guilherme de Almeida, ainda que com ressalvas, Moacyr Deabreu, Ribeiro Couto,

⁷ *Fon-Fon*, ano XVI, n. 16. Rio de Janeiro, 22 de abril 1922. <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=40025>. Acesso em: 14 nov. 2022. A ortografia foi atualizada. O itálico pertence ao original.

⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque. O Futurismo paulista. *Fon-Fon*, ano XV, n. 50. Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1921, s. n. p. <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pasta=ano%20192&pesq=%22Sergio%20Buarque%20de%20Holanda%22&pagfis=39357>, Acesso em: 12 nov. 2022. As demais citações foram extraídas desta edição. A ortografia foi atualizada. O itálico pertence ao original.

Agenor Barbosa e Affonso Schmidt, nem todos paulistas, mas que também colaboram “ativamente para o seu [de São Paulo] progresso literário.”

Buarque de Holanda conclui sua exposição por um voto de confiança conferido ao movimento, capacitado a “animar o futurismo de S. Paulo”, maior que “apenas uma reação medrosa como tantas outras que têm surgido entre nós.”

O posicionamento do autor de “O Futurismo paulista” é moderado, procurando equilibrar os excessos com informações atualizadas sobre os novos direcionamentos das artes visuais e verbais a seu tempo. Publicado na *Fon-Fon* que, meses depois, arguirá os futuristas, a quem qualifica de maníacos e criadores de uma arte desprezível, cabe perguntar o que provocou tal mudança de opinião. Pode-se supor que foram os episódios ocorridos durante o transcurso da Semana de Arte Moderna que motivaram a reação negativa de cronistas cariocas. A clivagem se estabeleceu, e dois partidos opostos de configuraram, um deles ancorado na Capital Federal, dispondo de ferramentas populares de bom alcance: a mídia humorística carioca, sintetizadas por *Careta* e *Fon-Fon*.

O antifuturismo de Lima Barreto

Afonso Henriques de Lima Barreto, filho de afro-brasileiros livres, nasceu à época do escravismo, em 13 de maio de 1881, tendo falecido em 01 de novembro de 1922. Protegido pelo Visconde de Ouro Preto, pôde cursar o ensino secundário no Colégio Pedro II e, depois, ingressar na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, para estudar Engenharia. Abandonou, contudo, o ensino superior, pois coube-lhe o sustento dos irmãos, quando o pai ficou incapacitado. Sua trajetória literária inicia em 1905, quando atua como jornalista no *Correio da Manhã*. Em 1907, lança a revista *Floreal*, de curta duração. Seu primeiro romance é *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, de 1909, a que se seguiram *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1911) e *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919). Produziu outros romances, contos e muitas crônicas, veiculadas essas na imprensa carioca, destacando-se nos anos 1920 a colaboração para a revista *Careta*. Em 1922, ano em que faleceu, escreveu regularmente para aquele semanário, de onde são extraídos os artigos doravante examinados.

Também Lima Barreto não poupou o Futurismo. A crônica mais conhecida em que trata o assunto foi publicada no número 735, de *Careta*, datado de 22 de julho de

1922, suscitada pelo recebimento do volume 3 de *Klaxon*, lançado em 15 de julho daquele ano em São Paulo e que, em curta estada no Rio de Janeiro, Sérgio Buarque de Holanda lhe presenteara, conforme relata em carta enviada a Mário de Andrade: “dei um número ao Lima Barreto a fim de que escrevesse qualquer coisa na *Careta*, elogio ou ataque, de modo a despertar atenção.”⁹

A resenha de Lima Barreto não é nada favorável, escolhendo um estilo ferino para evidenciar seu despreço pelo movimento de vanguarda.

O artigo abre com uma frase em que ironiza o comportamento de São Paulo, o substantivo próprio representando aqui a atitude dos intelectuais: “São Paulo tem a virtude de descobrir o mel do pau em ninho de coruja”. E complementa em novo período: “De quando em quando, ele nos manda umas novidades velhas de quarenta anos.” Introduz o nome de Sérgio Buarque de Holanda, a quem atribui o papel de querer “impingir como descoberta dele, S. Paulo, o tal de ‘futurismo’.”¹⁰

São Paulo é antroporfizado no discurso de Lima Barreto, o que facilita ao autor o tom irônico e a oralidade. Essa se manifesta mais propriamente no parágrafo seguinte, que começa com a conjunção “Ora”, destinada a designar o desprezo do cronista pela aludida descoberta. Comenta então: “Ora, nós já sabíamos perfeitamente da existência de semelhante maluquice, inventada por um senhor Marinetti”. Depois de ridiculizar o mentor italiano, que, a seu ver, não tinha feito mais do que ler Rabelais em demasia, introduz o motivo principal da crônica: o volume de *Klaxon* que tinha recebido. De imediato, não perde a oportunidade de zombar do nome do periódico, informando ter pensado tratar-se de propaganda “de alguma marca de automóveis americanos”, já que “um nome tão estrambótico não podia ser senão inventado por mercadores americanos, para vender o seu produto.” Só depois de iniciar a leitura constata tratar-se de uma revista de Arte ou, nas suas palavras, “de Arte transcendente, destinada a revolucionar a literatura nacional e de outros países, inclusive a Judeia e a Bessarábia.”

⁹ Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: correspondência. Org. Pedro Meira Monteiro. São Paulo: Companhia das Letras; Instituto de Estudos Brasileiros; Edusp, 2012. p. 50.

¹⁰ BARRETO, Lima. O Futurismo. *Careta*, Ano XV, n. 735. Rio de Janeiro, 22 de julho de 1922. <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=083712&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=28341>. Acesso em 04 set 2021. As demais citações foram extraídas desta edição.

Retorna então ao ataque ao Futurismo, sintetizado na pretensão dos editores em pensar que “nós não sabíamos disso de futurismo”. Complementa: “Há vinte anos, ou mais, que se fala nisto e não há quem leia a mais ordinária revista francesa ou o pasquim mais ordinário da Itália que não conheça as cabotinagens do “il Marinetti”.”

Ao concluir, o cronista reconhece o azedume de seu discurso, que, a seu ver, porém, “não representa nenhuma hostilidade aos moços que fundaram a ‘Klaxon’.” O que o incomoda é o movimento a que eles se integram, revelando sua “sincera antipatia contra o grotesco “Futurismo”, que no fundo não é senão brutalidade, grosseria e escatologia, sobretudo esta”.

Publicado o artigo em *Careta*, talvez coubesse melhor em *Fon-Fon*, periódico que já adotara o som da buzina de um automóvel para sinalizar a modernidade do movimento de que participa, objetivo que parece repercutir na designação de *Klaxon*, primeira manifestação dos projetos futuristas em um magazine impresso.

Lima Barreto, da sua parte, é permanente polemista, não se furtando a querelas sobre temas em evidência na ocasião em que escreve sobre eles. Ataca o feminismo e as sufragistas, direcionando farpas contra as militantes Mme. Chrysanteme (pseudônimo de Cecília Moncorvo Bandeira de Mello Rebello de Vasconcelos) e Bertha Lutz;¹¹ também condena a prática do futebol, cuja popularidade crescia nos anos 1920. Chega a fundar uma Liga Brasileira contra o Futebol, motivado pelo objetivo de reagir contra o que, nas suas palavras, constitui “o espetáculo da brutalidade, de absorção de todas as atividades que o *foot ball* vinha trazendo à quase totalidade dos espíritos nesta cidade”,¹² como escreve em artigo de 08 de abril de 1922.

Por sua vez, a recusa da poética modernista não se limita aos ataques ao Futurismo, Marinetti e as ações dos paulistas que aderiram àquele projeto. Em “Estética do ‘Ferro’”, arremete contra um dos expoentes do Modernismo português, Antônio Ferro,

¹¹ Cf. BARRETO, Lima. Uma nota. *Careta*, ano XIV, n. 688. Rio de Janeiro, 27 de agosto de 1921. <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=083712&pasta=ano%20192&pesq=Bertha&pagfis=26313>. Acesso em: 04 set 2021. BARRETO, Lima. Feminismo e o voto feminino. *Careta*, ano XV, n. 707. Rio de Janeiro, 07 de janeiro de 1922. <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=083712&pasta=ano%20192&pesq=Bertha&pagfis=27162>. Acesso em: 04 set 2021.

¹² BARRETO, Lima. Como resposta. *Careta*, ano XV, n. 720. Rio de Janeiro, 08 de abril de 1922. <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=083712&pasta=ano%20192&pesq=%22Como%20resposta%22&pagfis=27696>. Acesso em: 04 set 2021.

que, no Brasil em 1922, aparentemente era acolhido com pompa e circunstância, de que são sintomáticas as cartas que, na ocasião, Buarque de Holanda envia a Mário de Andrade.¹³

Mais uma vez Lima Barreto inicia sua crônica de modo ao mesmo tempo irônico e agressivo, manifestando sua certeza de que “o Brasil é um país para ser embasbacado”. Complementa no mesmo parágrafo: “Não há cidadão que aqui chegue com duas ou três bobagens nas malas que não nos cause pasmo”. Depois de enumerar pseudocientistas (“certo sujeito que se diz portador de um remédio eficaz para dores de dente”) e artistas de araque (“um tipo de que se intitula Rafael em cinco minutos, pintando bombochatas que o gentio admira, porque nunca foi à mais modesta exposição de pinturas da cidade”), dedica o terceiro parágrafo a denunciar um terceiro farsante: “Agora, aparece um cidadão de ultramar que se diz inovador e criador de uma nova escola literária”.¹⁴

Segundo Lima Barreto, tal cidadão não traz consigo nenhuma novidade: “Onde está ela? Em parte alguma. O que há neles é berreiro e vociferações, manifestações de vaidade e impotência de criação”. Além disso, nada do que diz o moço é legitimamente novidade: “Nós já sabíamos tudo isto, embora o Brasil seja um país de bugres e de negros”, ironiza ele, reproduzindo, em modo de esculacho, os preconceitos com que é designada a população do país.

Para o tipo de exibicionista que descreve, resta, segundo ele, tão somente “o Hospício dos Malucos, onde há grande cópia de orotomanos e exibicionistas”.

O parágrafo final da crônica resume os princípios estéticos de Lima Barreto, que ele precisa esclarecer, paciente que fora do Hospital dos Alienados no Rio de Janeiro e que testemunhara a loucura do pai, igualmente internato em manicômio:

A Arte e Literatura são coisas sérias, pelas quais podemos enlouquecer – não há dúvida; mas, em primeiro lugar, precisamos fazê-las com todo o ardor e sinceridade. Não é canto da araponga que parece malhar ferro, mas nem sabe o que é bigorna.

¹³ *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: correspondência*. Op. cit.

¹⁴ BARRETO, Lima. Esthetica do ‘Ferro’. *Careta*, ano XV, n. 737, Rio de Janeiro, 05 de agosto de 1922. <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=083712&pasta=ano%20192&pesq=%22Esthetica%20do%20%22Ferro%22&pagfis=28452>. Acesso em: 04 set 2021. As demais citações são extraídas desta edição.

“Ardor e sinceridade” – eis os princípios da criação e da ética do escritor fluminense, cuja obra foi tardiamente incorporada pela História da Literatura e que, nos últimos anos, experimenta saudável valorização. Avesso às modas literárias, e incomodado com as rodinhas literárias, marginalizou-se – talvez se possa afirmar – de modo voluntário, à maneira de muitas de suas personagens.

Clara dos Anjos, a última novela que Lima Barreto escreveu e que foi publicada postumamente, em 1948, conclui com a frase da protagonista dirigida à sua mãe, após suas demandas terem sido desprezadas pela família de Cassi Jones, o conquistador barato e irresponsável que seduzira a moça: “Nós não somos nada nesta vida.”¹⁵ A declaração constitui versão levemente modificada da manifestação de Clara dos Anjos, no encerramento do conto redigido quase vinte anos antes e que sumaria a narrativa do futuro romance: “Mamãe, eu não sou nada nesta vida.”¹⁶

A passagem do “eu” para o “nós” pode significar a inclusão de Lima Barreto em um sistema que o alija das expressões mais inovadoras da Literatura Brasileira. É a partir desse ângulo que se pode interpretar a atitude interpelativa do escritor diante das vertentes de vanguarda, sintetizadas, como se fazia à época, no Futurismo, mas também nas modas que provinham do ultramar, de natureza colonialista, e que o artista carioca recusava.

Aliás, sua ação corajosa custou-lhe a resposta de *Klaxon* em seu quarto número, em resenha cujo autor (Mário de Andrade?) acusa “um snr. Lima Barreto” de confundir “o espírito de atualidade de *Klaxon* com o futurismo italiano”. Na sequência, não são poucos os insultos lançados ao crítico carioca, contradizendo a expectativa polida de Sérgio Buarque de Holanda, para quem pouco importava se elogiasse ou atacasse, desde que despertasse atenção:

Desbaratamo-nos, imensamente gratos, ao ataque do clarividente. Mas não é por causa da estocada que estamos gratos. Esta apenas nos permitu sorrisos de ironia. Pois estamos bem acastelados, de metralhadoras armadas, e lá nos surge pela frente, a vinte metros, um ser que, empunhando a antiga colubrina, tem a pretensão de nos atacar. Colubrina? Qual! A colubrina é uma espada muito nobre do passado. É uma navalha que traz o atacante. Qual navalha! O srn. Lima Barreto, como escritor de bairro, desembocou duma das vielas da Saúde, gentilmente confiado nas suas

¹⁵ BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Mérito, 1948. p. 201.

¹⁶ BARRETO, Lima. Clara dos Anjos. In: *Contos completos de Lima Barreto*. Org. Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 255.

rasteiras. E foi uma rasteira que imaginou nos passar. Mas com franqueza, srn. Lima, uma rasteira a vinte metros! Só mesmo se o erudito crítico possuísse pernas iguais em comprimento ao “nariz” de Mafarka... Mas as pernas (espirituais) do atacante apenas têm dez centímetros! Foi por isso que esmoçamos aquele “sorriso de ironia” atrás denunciado.¹⁷

Lima Barreto pratica o que se pode chamar “Modernismo do não”; contudo, não pode ser considerado um negativista. A impetuosidade com que arremete contra futuristas e similares não é moralista, nem conservadora, como a de tantos que condenaram o Modernismo no Brasil e em Portugal. Desde seu primeiro romance, *Recordações do escrivão Isaias Caminha*, adota atitude de inconformidade diante dos medalhões que constituíam a linha de frente da literatura na época, a começar por Coelho Neto, fetiche contra quem, anos depois, se lançaram os modernistas de 1922. Às vezes, pode ser até injusto ou preconceituoso, como é, naquele romance, a representação dada a João do Rio. Mas não abre mão da independência de seu pensamento.

Graças a essas escolhas, construiu um elenco de personagens negras como ainda a literatura brasileira não possuía. Suas figuras – a exemplo dos mencionados Isaias Caminha e Clara dos Anjos – protagonizam as narrativas, sem deixar de sofrer as consequências de uma sociedade racista e que espera subserviência por parte das pessoas pobres. Assim, à emasculada Isaura, do romance de Bernardo Guimarães, contrapôs uma jovem igualmente romântica, mas que cai nas malhas de uma sociedade que rebaixa a mulher – e especialmente a mulher afro-brasileira, mesmo quando livre.

Lima Barreto deixou desconfortável boa parte dos historiadores da literatura, sendo confinado a um indefinido Pré-modernismo, mais limitador que os hospitais em que esteve internado. Não seguia normas, nem morava em São Paulo; mas não se satisfiz em rejeitar produtos, autores, regulamentos e vogas com que não concordava. Escreveu seus romances inquietantes, configurando uma modernidade muito particular, caracteristicamente em crise, por se fazer por oposições entre o aceitar e o rejeitar, sempre de maneira agressiva – como, aliás, era prática de modernistas.

¹⁷ Luzes & refrações. *Klaxon*, mensário de arte moderna. V. 4. São Paulo, 15 de agosto 1922. Verso da quarta capa. Edição facsimilada. São Paulo: Martins; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.